



BAHIA — CAPELLA DE S. GONÇALO.

NA estrada que vae da Bahia de Todos os Santos para o lindo arrabalde que chamam *Bom-fim*, ergue-se ainda a capella de S. Gonçalo. E apenas decorrido um seculo que se ajustaram as ultimas pedras de sua fachada, e já as plantas liliaceas, as palmeiras, as bananeiras, até os coqueiros, crescem sem amanho em torno dos seus muros e vedam completamente a sua entrada. Mil outras plantas parasitas nascem nas roturas das suas paredes, abreviando a sua destruição. Esta capella, admiravelmente situada, foi construida pelos jesuitas em 1753, e acabada seis annos antes da extincção da ordem poderosa a quem pertencia. Foi abandonada logo depois, e já no começo d'este seculo Lendley descrevia as suas ruínas pittorescas como um dos sitios mais deliciosos da Bahia.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

VI.

Tomada de Rhodes, e outras conquistas pelos turcos. Apogeu da grandeza e poder do imperio ottomano.

SELIM I subiu ao throno por meio de um grande delicto. Uma serie de crimes foram os primeiros actos

do seu reinado. Para que não viessem a perturbal-o na posse pacifica do imperio, mandou matar a seus irmãos e sobrinhos.

Os janisaros logo lhe patentearam as consequencias do passo, que elle lhes fizera dar, excitando-os á rebellião, pois que no proprio dia da sua elevação ao throno obrigaram-o a augmentar-lhes o soldo. E passado pouco tempo ainda tornaram a sua influencia mais pezada e amarga ao sultão, e mais perniciosa aos interesses e gloria do paiz. Quando Selim, tendo transposto as fronteiras da Persia com um exercito de 200 mil homens, e depois de haver aniquillado nas planicies de Tchaldiran todo o poller dos persas, se dispunha a tomar posse de um reino, que a sorte das armas lhe entregara n'uma só batalha, foi estrangido pelos janisaros, queixosos das fadigas da guerra, a voltar costas á fortuna, e a regressar a patria, abandonando tão rica preza. Entretanto o sultão sempre conseguiu como fructo d'esta campanha reunir a seus estados o Kurdistan, provincia importante da Persia. A conquista do Egypto, de Palmyra, Damasco e toda a Palestina toram os principaes successos do resto do seu reinado, que durou quasi 9 annos (1512 a 1520).

A epocha seguinte forma um dos periodos mais glo-

VOL. III. — 3.^a SERIE.

ABRIL 1. 1854.

riosos dos annaes da Turquia. O longo reinado de Solimão I, Suleiman filho e successor de Selim I, correspondeu perfeitamente ás esperanças populares. O seu nascimento no começo de um seculo [900 da Hegira] como aconteceu a Osman, o fundador do imperio; o seu nome de Solimão, ou Salomão, que recordava o principe propheta tão reverenciado dos musulmanos; o decimo logar, que ia occupar na serie dos sultões, sendo o numero dez considerado pelos turcos como o mais perfeito; todos estes felizes presagios levaram o povo a saudar com alvoroço o seu novo soberano, e a solemnizar a sua exaltação ao throno com grandes e prolongados festejos em toda a extensão do imperio.

O primeiro uso que o sultão fez da auctoridade real foi para exercitar a clemência e a justiça. Logo depois tratou com singular actividade e desvelo de reorganisar e augmentar o exercito e marinha. E assim que se julgou apercebido para as grandes empresas, que meditava, aproveitando-se das querelas em que se achavam envolvidos, e em que se extenuavam reciprocamente o imperador Carlos V, e Francisco I, o papa Leão X e os sectarios de Lutero, apresenta-se ás portas de Belgrado, empenha combate e assenhorea-se d'essa invicta cidade, posto avançado da Hungria, que os seus antecessores por tantas vezes e tão baldadamente disputaram (29 de agosto de 1521).

No anno seguinte punha cêrcos a Rhodes, e ao quinto mez de assedio essa orgulhosa praça, que tinha visto despedaçar-se contra as suas muralhas todo o poder e valor das armas ottomanas, por tantas vezes quantas osaram affrontal-as; esse glorioso baluarte do Christianismo, que o heroico esforço dos cavalleiros de S. João de Jerusalem havia feito crer invencivel, abriu finalmente suas portas ao vencedor de Belgrado (21 de dezembro de 1522). Franqueou-as porém depois de uma defeza desesperada, em que os cavalleiros, e todos os habitantes, até as proprias mulheres, se illustraram por mil acções de verdadeiro heroismo; depois de exhaustas todas as forças, consumidos todos os recursos, e perdidas todas as esperanças.

Como a tomada de Constantinopla a conquista da ilha de Rhodes encheu de terror todas as côrtes christãs. Agora, como então, é que avaliavam a grandeza da catastrophe. Não se lembraram, durante os cinco mezes do cêrcos, da importancia d'aquella praça depois da queda de Constantinopla. Só quando souberam que o crescente campeava sobre a velha sé de Rhodes, é que reconheceram, que a navegação do Mediterraneo levava de hora ávante á mercê dos turcos, e que a destruição d'essa barreira, que impedia a livre communicação da Turquia com o Egypto, e que obstava a que os sultões tirassem d'esta sua recente praça todos os recursos e elementos de força, que ella lhe podia ministrar, ia augmentar consideravelmente o poder e influencia do imperio ottomano.

Rhodes na sua queda arrastou todas as pequenas ilhas, que a avizinhavam, as quaes se submeteram sem resistencia ao jugo do vencedor.

Consolidado com tão signalado triumpho Solimão volta as suas armas contra a Hungria: destrói a capital, toma o exercito de Luiz II, que ali por elle corria e vicia, apodera-se da capital, e em pouco tempo todo esse paiz, que fora campo de gloria do grande Hunyada e do celebre Corvino, e onde sempre se applicavam a ambição e esforços dos sultões, rende-se á obediencia e homenagem ao successor de Mahumet. Também numero de fortalezas e praças de guerra na Escócia e da Croacia vem augmentar

os trophéus do conquistador. E finalmente um exercito de 250 mil homens com 400 peças de artilharia, penetrando no coração da Allemanha, vem acampar junto aos muros de Vienna d'Austria, e lançar a luva a toda a christandade (setembro de 1529).

Os prodigios de valor obrados pela guarnição de Vienna, levando o desanimo ás fileiras ottomanas, e a aproximação do inverno, ameaçando o exercito sitiador com mil desastres e privações, foram causa de que se levantasse o cêrcos, e o sultão renunciasse á sua empresa.

Foi este o primeiro eclipse da gloria de Solimão. Suas armas victoriosas nunca até ali tinham experimentado revez. Para o encobrir, ou pelo menos atenuar, invade a Persia, conta os triumphos pelo numero das batalhas, e conclue a campanha depois de reunir ao imperio Chirvan e outras provincias d'aquelle reino.

Em quanto os exercitos de Solimão devastavam a Persia, as suas esquadras commandadas pelo celebre Barbarouxa (Khatr-uddin) assolavam as costas do Mediterraneo, triumphavam das esquadras alliadas das potencias christãs, e faziam chegar o terror até S. Marcos de Veneza. E ao mesmo tempo o governador do Egypto, á frente de numerosas tropas, atravessava a Arabia, invadia o reino de Aden, e ia disputar-nos na India a posse de nossas conquistas.

Finalmente, depois de uma tão longa e tão brilhante carreira, falleceu Solimão de uma apoplexia na sua barraca de campanha, sob os muros de Szigel, que estava escalando. Contava 74 annos de idade e 48 de reinado.

Os seus subditos deram-lhe o epitheto de *legislador* (el-Kanouni), ao qual a historia accrescentou o de *grande*. E ambos mereceu. O principe que em pessoa conduziu á victoria os seus soldados durante treze campanhas; que conquistou Belgrado; que arrebatou aos cavalleiros de S. João de Jerusalem a ilha de Rhodes; que subjugou a Georgia e Chirvan; que submetteu a Hungria; que retalhou a Persia; que zombou do poder de Carlos V, e dos seus alliados; que promulgou um codigo de leis, pelas quaes ainda hoje se governa aquella nação; que deu impulso ás bellas artes, ennobrecendo Constantinopla com magnificas construcções; que protegen as sciencias, e que deu singulares exemplos de justiça e de moderação; o soberano em fim que elevou a tão alto grau de esplendor o imperio do Osman, adquiriu sollemnes jus a esses honrosos epithetos.

Solimão viu abatido a seus pés o orgulho de todos os potentados da terra, que a seu turno sollicitaram a alliança ottomana. A França foi a primeira, que concluiu com o sultão um tratado de alliança offensiva e defensiva (1). Quasi todas as outras nações,

(1) Antes de se effectuar este tratado, Francisco I mandou a Constantinopla um embaixador, portador de uma carta, em que pedia ao sultão soccorro contra o seu poderoso rival, o imperador Carlos V. A resposta de Solimão é tão notavel pelos titulos, que se arroga, que não posso resistir ao desejo de os transcrever:

Chah Sultão Solimão Khan
Filho de Selim Khan, sempre victorioso.

«Eu, que sou o sultão dos sultões, o rei dos reis, o distribuidor das corôas aos principes do mundo, a sombra de Deus na terra, o imperador e senhor soberano do mar Branco e do mar Negro, da Rumeilia e d'Anatolia, da Caramania, do paiz de Roum (*alta Armenia*), da provincia de Zulkadriia, do Diar-

que tanto estranharam este proceder ao monarcha que se intitulava christianissimo, viram-se mais tarde obrigadas a seguir o seu exemplo, posto que os seus esforços nem sempre foram coroados de bom exito. O czar da Russia diligenciou debalde obter as boas graças do sultão: ou fosse por desprezo para com este paiz, então semi-barbaro, ou por antipathia, talvez presentimento das futuras injurias, Solimão não quiz tratar com aquelle principe.

A pesar todavia das eminentes qualidades de Solimão; apesar da ordem, economia e firmeza com que sustentou as redeas do governo, e com que debellou as revoltas de alguns pachás na Asia e dos janisaros em Constantinopla; apesar do poder e riqueza, que tantas victorias grangearam para a sua patria, introduziu-se e lavrou na administração um abuso, que concorreu poderosamente para no seguinte reinado se começarem a sentir os primeiros symptomas da decadencia do imperio. Consistiu tal abuso na venalidade dos empregos e cargos publicos, introduzida pelo grão-visir Roustan, e arvorada depois como systema financeiro para acudir ás necessidades do theouro. Tambem n'este reinado teve principio a intervenção do harem nos negocios do estado, que tão funesta veiu a ser aos sultões e ao paiz.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

A *Visão de Ezechiel*, cujo thema foi o capitulo 37 das Prophecias, é uma grandiosa pagina de sentimento christão. O sópro lyrico corre-a e anima-a da primeira á ultima estrophe. A palavra é cheia de poder e suspensão como o espectáculo. É que espectáculo! Os ossos unindo-se aos ossos, os mortos que se levantam; o pó da dissolução tomando forma e cor. Um povo de espectros em volta do homem vivo posto em espirito sobre o sepulcro das nações para ver o symbolo da redempção. Como o verso pinta o terror da natureza no instante em que um prodigio quebra as suas leis, entr'abre os sudarios á terra, e um momento arranca do silencio os que já viveram!

As harmonias da tremenda scena são os bramidos do mar, as tempestades do céu, o volcão e os relampagos:

békir, do Kurdistan, do Azerbaidjan (*Media*), do Adjem (*Persia*), de Cham (*Syria*), d'Alepo, do Egypto, de Mekke (*Mecca*) de Medina, de Jerusalem, de todas as regiões da Arabia e do Yemen, e além d'isto de muitas outras provincias, que têm sido conquistadas pelo poder victorioso de meus gloriosos predecessores, e augustos antepassados (que Deus cerque de luz a manifestação da sua fé), assim como tambem de muitos outros paizes, que minha gloriosa magestade tem submettido ao meu alfange flamejante, a minha espada triumphante; eu, filho do sultão Selim, filho do sultão Bajazeto, Chah Sultão-Solimão-Khan

a ti Francisco
que és rei do reino de França.

E o mar levanta-se afflicto
Corre-lhe o funebre grito
Longo, mais longe a soar.
E o raio fulge e rebenta
E o despedido bulcão,
Sobre as azas da tormenta,
Tinge de fulvo clarão
A espuma da vaga alçada.
Qual de chammias erriçada
Ignea juba afogueada
N'um phantastico leão.

Começa a visão; como o horror da morte um instante imitando a vida, passa pelo espirito do poeta, e se retrata na expressão!

E o propheta no transporte
D'um santo e mudo terror,
Viu aquelle pó da morte
Tomar vulto, forma e cor.

.....
E viu um povo de espectros
Tornar-se um povo real.

E ousou calcar temerario
Em passo convulso e vario.
O tenebroso sudario
D'esse imperio sepuleral!

A formula christã, o dogma da remissão resplandece logo, quando erguendo a vista para Deus na cruz, com os braços abertos ao mundo, e prostrado diante da expiação divina, o poeta exclama:

Duas vidas lhe dá por um só trance,
E off'rece-lhe rompendo o escuro véu
N'um verbo o mundo, n'um suspiro o céu.

.....
D'um tegurio fez um templo,
D'um madeiro um mundo fez!

Nos cantos heroicos as bellezas não são inferiores. Sentando-se como os antigos bardos junto da urna funeraria dos seculos, ou acompanhando de um gemido sublime a gloria e o infortunio, a aurora e o occaso das grandes scenas de hontem, quando passa os dedos pelas cordas, a lyra estremece, e o canto sobe para não morrer. O *Avé Cesar!* que citamos, a Indiana a Vasco da Gama, *Flebillus ille!* ao anniversario da morte do imperador D. Pedro, e a *Nenia* fremente ao coronel Cardoso, victima de uma sedição militar, estão cheias de toques e de côres, que podem competir com o arrebatamento mais artificioso de Lebrun, ou com o jambico vingador de Chénier. Manzoni, o auctor da ode a Napoleão, não duvidaria adoptar algumas das estrophes consagradas á paixão de Carlos Alberto. Victor Hugo, o arrojado colorista, abriria os braços a musa do meio dia repetindo os carmes da segunda Illiada, e soltando a cada verso as perolas e os rubis do diadema oriental.

Que desenho atrevido, que fogo, que rapto na grandiosa invocação de Vasco da Gama, o primeiro navegador portuguez! Como a luz se despede das azas da estrophe; como a imagem fulge no esmerado lavor da phrase; como o poeta sente a acção heroica, e com que voz a pinta!

Esse feito audaz, que inflamma
Foi preciso á nossa fama
Para commettel-o um Gama
E um Camões para o cantar!

Os dous maiores vultos da epocha, um entregando á patria o sceptro dos mares; o outro acabando de a tornar immortal pela creação do monumento epico, encontram-se no pensamento lyrico, ambos da mesma estatura, ambos eleitos da gloria! É nobre, diz bem o terror da admiração, a hesitação da musa quando, mais proxima da figura homérica, a estrophe pergunta suspensa:

O seu vulto venerando
Quem o pode ir hoje erguer?
Era Solon meditando,
Era Ajax a combater!
Não cança o braço possante:
Ganha um mundo: marcha ávante
E vae depois, como Athlante,
O mesmo mundo suster.

A imagem alteia, a inspiração incende-se e paira radiosa. A palavra enche-se de luz como o solo oriental, theatro das proezas. O estylo desata-se em flores admiraveis, como as joias scintillantes de que a vegetação orna os seios formosos da Asia. A phrase é sublime pela idéa, e sublime pela historia:

Apesar de salpicado
Pelo sanguento matiz,
Traz o saio arregaçado
Trasbordando de rubis.
.....
Quando a juba sacudia
O leão occidental,
Goa arfava, Adem tremia
No seu leito de cristal.
.....
Entre as dobras da bandeira
Pendente do mastarçu,
Involta a figura inteira
Como em novo, regio véu;
Os castellos constellados
Revistas como soldados
Pela costa perfilados
Pés no mar, frontes no céu.

E o final, a digna corôa de tão bella pintura?

D'esses oceanos athleta
Venceste até no louvor:
Poude a penna do poeta
Mais que o ferro do esculptor:
Em vão porque o Athos dóme
Alexandre se consome:
Mas Camões gravou teu nome
Na face do Adamastor!

Não citamos mais, o que se viu basta. A correcção do verso quasi sempre é irreprehensivel. As idéas correspondem ao assumpto; a relação da imagem com o pensamento, a nervosa concisão da palavra, e a propriedade do estylo offerecem n'estas oitavas um primor raramente dado em manifestações, que o enthusiasmo e o ardor poucas vezes deixam assentar na perfeição da forma. É possível indicar algum verso menos esmerado, alguma rima mais descuidada; mas sombras leves não empanam o esplendor da obra. São as negligencias, os senões com que o pincel se esquece do proposito para a uniformidade não cançar.

Ouçamos agora o cantico á catastrophe recente. Escutemos a voz plangente do vate, ajoelhado com virtuosa dôr aos pés de um tumulo, no qual a corôa partida e a espada solitaria ensinam mudamente

aos homens as vaidades do orgulho. Carlos Alberto, o vencido de Novara, repousa ali.

Não dobra a fronte suprema!
Impondo o pé no diadema,
Dos estranhos foge á lei,
E holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!
Foi longa aquella agonia,
Foi curta aquella afflicção
Desceu rapida n'um dia
Da cabeça ao coração.

.....
Pela Italia, Hespanha, e França
Depois, calado, galgou;
E por momentos descansa
Onde o mundo lhe faltou.
Chega, observa, scisma e pára: —
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Esse berço de muralhas,
Que fez livre Portugal!

Com que traço firme e lyrico está aqui pintada a dôr! Como é bella a analogia do tumulo do rei soldado com o berço da liberdade! Os metros variam e antoldam-se ao movimento da acção. O poeta faz-nos assistir ao conflicto da ultima lucta, á agonia heroica da nação e do monarcha. São estrophes admiraveis como as do famoso côro do Carmagnola de Manzoni á guerra civil.

Ferve o sangue, troveja a batalha;
Tine o ferro, rebomba o canhão;
Pavorosa, sibilla a metralha,
Varre as fillas, dispersa-as no chão.
Lá galopam, se embebem, se enlaçam
Uns nos outros rivaes esquadrões!
Corpo a corpo! Ferventes se abraçam
Em sanguentos, crueis turbilhões...

.....
D'essa immensa procella de guerra
D'esse ardente, confuso stridor
Que ficou? Uma c'róa por terra;
Uma bella captiva; um senhor!
Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto florido jardim!...
Foi-te ingrata a fortuna! Caíste!
Mas a queda d'um povo tem fim!
Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes do Goito. — Que adeus! —
Era a sombra de um rei, d'um homem
Que passava em silencio entre os seus.
E passava! — Expirar não lograra
Sob o golpe que em vão procurou;
Mas a vida que o céu lhe deixára
Entre os braços da patria a deixou!

Não serão dignas de luctar com estas de Manzoni a Napoleão as estrophes que deixámos citadas?

Oh quante volte al tacito
Morir d'um giorno inerte,
Chinati i rai fulminei
Le bracci al sen conserte
Stete, e dei di che furono
L'assalse il sovvenir.
Ei ripenso le mobili
Tende e i percossi valli,
E il lampo dei manipuli

E londa dei cavalli
E il concitato imperio
E il celere obbedir.

Cada um dos dous poetas, dando alma e voz á mesma interpretação da dôr; não chegou á mais elevada esphera? Com que terna piedade suspira o canto na lyra portugueza, quando recolhe as lagrimas da vencida Italia! Que doçura e que esperança n'esta apostrophe:

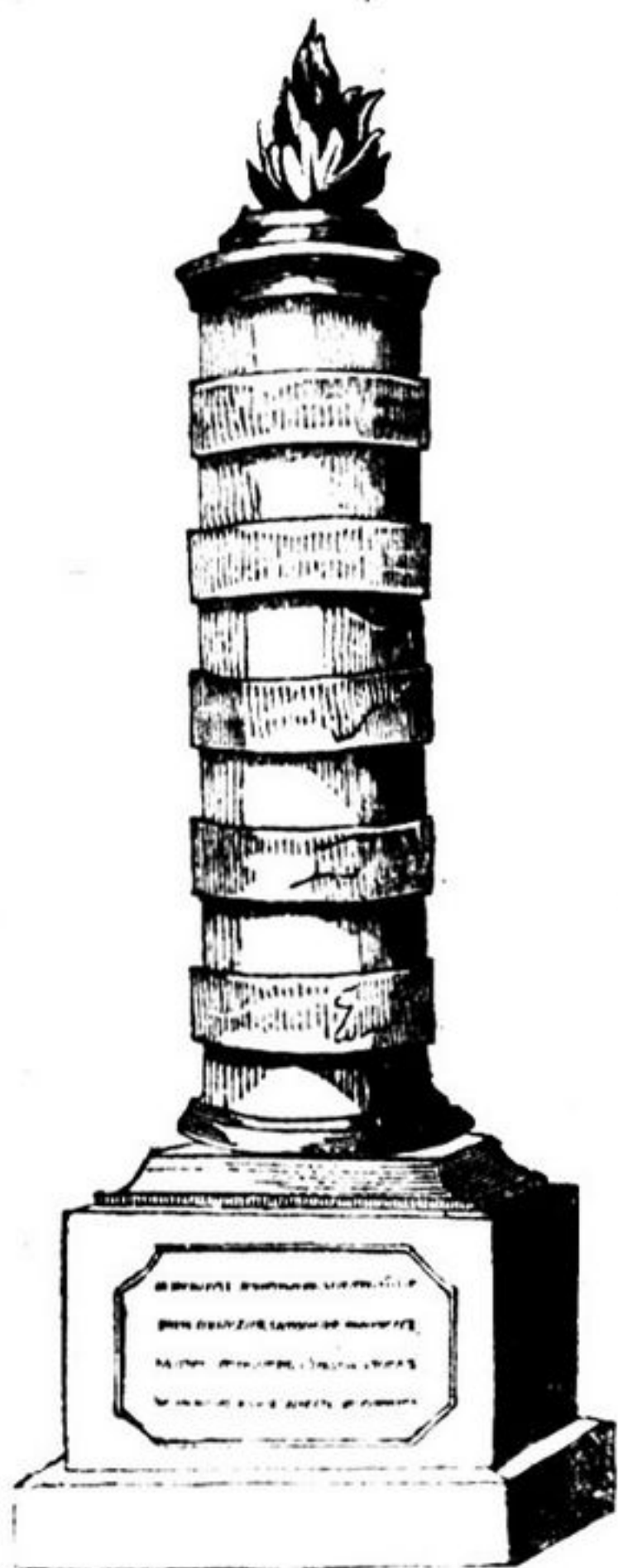
Foi-te ingrata a fortuna, caíste!
Mas a queda d'um povo tem fim!

Como é vivo e onomatopaico o verso fazendo sentir o fragor das armas, a rapidez do embate, e o estampido do fogo! Como a musa curvando-se sobre o campo da ultima peleja, é concisa em resumir a lucta, dizendo tanto com o coração, e tão pouco com os labios:

Que ficou? Uma c'róa por terra;
Uma bella captiva; um senhor!

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



PADRÃO DE PEDRA EM BELEM.

ESTE padrão (que o vulgo denomina *marco salgado*) foi erigido no sitio em que estavam as casas do duque de Aveiro, que foram demolidas até o chão, e salgado este. Compõe-se de uma columna de vinte palmos de altura, assente em um plintho ou pedestal, no qual se lê a inscripção do teor seguinte:

« Aqui foram as casas arrasadas, e salgadas de Joze de Mascarenhas, exauctorado da honra de duque de Aveiro, e outras; e condemnado por sentença proferida por a Suprema Junta da Incontidencia em 12 de janeiro de 1759; e justigado como um dos chefes do barbaro, e execrando desacato, que na noute de 3 de setembro de 1758 se havia consumado contra a pessoa de el-rei N. S. D. Joze I: N'este terreno não se poderá edificar em tempo algum. »

Os pequenos predios de que se acha cercado este curioso monumentinho fazem com que ellè não seja visto de todos os lados; descobrindo-se por cima de um telhado apenas a parte superior do fogareu ou chamma, que se figura sair do cimo da columna. Só penetrando em um estreito bôco proximo se conseguirá vê-lo todo, conhecendo-se então estar tão perto da parede de uma casa, que com muita difficuldade se pode ler a inscripção.

Ao principio observou-se escrupulosamente a prohibição de edificar n'aquelle sitio; depois foram-se levantando em torno barracas de madeira. Os proprietarios d'estas barracas construíram-lhes interiormente paredes de alvenaria, e deixaram que o templo carcomisse e destruísse as taboas do forro exterior; de sorte que dentro em poucos annos o que eram barracas de madeira appareceram predios, pequenos sim, mas de uma materia mais solida do que aquella. O mesmo nos consta que acontecera em Mafra, onde tambem era primitivamente prohibido edificar quaesquer predios na proximidade do convento monumental.

Hoje, que é decorrido quasi um seculo, que teve logar o acontecimento mencionado na inscripção, parece-nos que se deverá levantar o anathema ao pobre terreno, consentindo-se que a camara municipal do recente concelho de Belém ali promova novas e mais elegantes edificações. Para memoria do attentado de 1758 julgamos sufficiente o padrão religioso isto é, a sumptuosa capella erigida nas terras de Alcolena.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

IV.

PROSEGUINDO com os nossos *Apontamentos*, vamos continuar até seu termo a nossa noticia de Roma.

Findou o proximo anterior artigo com a descripção da Basilica de S. Pedro no Vaticano, e agora começaremos pelo palacio que lhe está contiguo. Dado por Constantino aos papas, o Vaticano foi de novo levantado por Eugenio III no meiado do seculo 12.^o Por o fim do seculo 13.^o Sixto IV lhe ajuntou a capella chamada Sixtina, onde está o grande quadro a *fresco* de Miguel Angelo, o *Juizo final*, além d'outras pinturas notaveis que a enriquecem. Paulo III, por meiado do seculo seguinte, acrescentou-lhe a capella Paulina. Sixto V, em 1588, collocou ahí a bibliotheca, que se tornou a mais celebre da Europa, e que sem dúvida é uma das repartições mais attendiveis do Vaticano, até pelas preciosidades e antigualhas que se guardam nos seus gabinetes. Sixto V começou um palacio que acabaram os seus successores. E Urbano VIII ahí fez tambem lembrado o seu nome.

Ao Vaticano, obra de muitos papas, falta-lhe a regularidade que poderia ser filha de um só pensamento, e supposto ser um todo em que tiveram parte os mais habéis architectos, não puderam estes supprir a falta de um risco geral, e assim de accres-

centamento em acrescentamento chegou aos dias de hoje tal como o vemos.

Nem fallaremos da *transfiguração*, representada pelo celebre Raphael Sanzio em um quadro cuja reputação é universal. Nem das *lajas e quartos* de Raphael, cujos *frescos* se distinguem e avantajam sobre outros mais modernos, até na firmeza das cores.

Não de creveremos outros quadros classicos; nem as tapearias preciosas de *Clarem*; nem as cartas geographicas, *a fresco*, de Fr. Lourenço Dante; nem o museu de escultura consistente em estatuas, bustos, baixo-relevos, inscrições, e tantos outros trabalhos em pedra, fazendo-se admirar a delicadeza dos gregos, e o engenho dos romanos. É o que não deveria dizer do grupo formado por Laocoente e por seus dous filhos, exprimindo em perfeito character, a dor e a afflicção, que lhe causam, *i morsi di due orribili, e misurati serpente mandati par Minerva*; trabalho dos tres excellentes artistas, de que Plinio faz menção, e cujos nomes são Agesandro, Polidoro, e Atenodoro de Rhodes. É como poderia obliterar o Apollo di *Belvedere*, estatua que passa por a mais sublime da arte, e que se encontrou pelo fim do seculo 13.^o É como as estatuas dos dous gregos, Pussitipo e Melandro? Como o *Perseo*, e os dous gladiadores de Canova? É como os sarcophagos, os vasos antigos, e os mosaicos, e os basaltos, e tantas cousas que fazem unico tal museu?

Mas demos fim a tão desalinhada descripção do Vaticano, assim chamado por se achar sobre o campo d'este nome, occupando-nos por momentos das duas capellas Sixtina e Paulina.

A primeira, celebre por as ceremonias, que ali se fazem na semana santa, o é tambem pelo quadro, *a fresco*, do juizo final, de que ja fallamos. Este quadro occupa todo o fundo da capella, e é quanto basta para dar uma idéa do genio do seu auctor. No alto do painel vêem-se os anjos, que levam em triumpho os attributos da paixão; no meio está Jesus-Christo, tendo a direita os escolhidos, e a esquerda os reprobos; mais abaixo estão anjos em grupo, tocando a temerosa trombeta; á direita d'estes anjos sobem os justos ao céu, e a esquerda descem os reprobos ao inferno. Por baixo corre um rio, e o velho Caronte congrega os homems em sua barca. Ao fundo do quadro se vêem espectros, furias, figuras monstruosas, e imagiões do auctor. É apesar da mistura do divino com o profano, é tal o trabalho, que os entendedores sustentam não se haver produzido coisa mais bella em similhante genero. Nota-se no quadro uma certa desordem, que segundo a opinião de alguns, tambem concorre para o successo d'esta composição.

A capella Paulina, que Gregorio XVI fez restaurar com tanto gosto como magnificencia, tem dous grandes quadros de Miguel Angelo a *Conversão de S. Paulo*, e o *martyrio de S. Pedro*. Aos setenta e cinco annos os pintou, julgando-se terem sido os seus ultimos trabalhos.

A basilica de Santa-Maria-Maior, assim chamada por ser o maior templo elevado a Maria, foi fundada por doo Patrio Romano e sua mulher, no tempo do papa Liberio, e restaurada por Sixto III, substituiu uma pequena igreja erigida em memoria de um milagre.

Ha templos, cujo aspecto severo faz sustentam o character d'um tribunal supremo; ha outros cuja alegria parece chamar a alma pela misericordia. Santa-Maria-Maior é o templo da Virgem, e a Virgem intercede e não julga!

N'esta basilica tinham os reis de Hespanha (e te-

rão hoje?) o titulo e as prerogativas de primeiros conegos.

A igreja tem tres naves, formadas por trinta e seis columnas de marmore branco, d'ordem jonica. A nave do meio, a mais elevada, é d'uma riqueza e gosto exquisito. Foi dourada no tempo de Alexandre VI com o primeiro ouro, que Fernando e Isabel receberam da America.

O altar pontifical é isolado, como nas outras basilicas, e collocado sob um baldaquino que sustentam quatro columnas de porphido, e que assombra perpendicularmente uma grande urna, que se diz ter servido de catafaleo ao fundador.

Perto do altar maior estavam duas magnificas capellas: uma fundada por Sixto V, onde se admira o mausoléu d'este papa, formado por quatro columnas de *verde antigo*, sustentando um docel, sobrepujado pela estatua de Sixto V. Fronteiro se vê o monumento de Pio V, cuja urna tambem de *verde antigo*, é de excellento trabalho. N'esta capella está o Santissimo Sacramento, em magnifico tabernaculo.

A outra capella, a Borghesianna, guarda os restos de Paulo V, da illustre familia Borghése. Diz-se que talvez só este papa restaurasse a capella, porque Clemente VIII, que morreu antes, ali se acha soterrado. O altar é d'uma riqueza extraordinaria. O fundo do altar é de lapis-lazuli, e debaixo d'uma corôa de diamantes está a Virgem, cuja pintura se attribue a S. Lucas. Na frente do altar ha um baixo-relevo, representando um milagre. Nicolau IV, e Clemente IX ali descaçam no somno do tumulo.

Deve-se fazer menção dos mosaicos, que no 5.^o seculo foram collocados na igreja sobre o arco que separa o choro da nave, por ordem de Sixto III. Este papa mandou ali pôr a imagem da Santissima Virgem, para dar testemunho da sua qualidade de mãe de Deus, depois que o concilio geral de Ephésio condemnou a heresia de Nestorio. Este monumento da antiguidade christã tem muito valor, e tão precioso, que no segundo concilio de Nicéa foi citado como uma prova da tradição da Igreja sobre o culto das imagens.

Alguns sabios asseguram, que a igreja de Santa-Maria-Maior está sobre a área, que antigamente era occupada pelo templo de Juno Lucina, e que das ruinas d'este templo procedem as columnas que o decoram. Outros porém combatem esta opinião.

A basilica de S. Paulo, que é tambem muito notavel, entre os templos de Roma, foi começada pelo grande Theodosio, acabada por seu filho Honorio, e enriquecida por muitos pontifices e imperadores. Consumiu-a um incendio em 1823. Trabalha-se na sua reedificação. Destinam-se a ornar o templo quatro preciosas columnas com que Mehemet-Ali presenteou Gregorio XVI.

Passaremos agora aos mais notaveis monumentos do paganismo.

O Pantheon é onde a antiguidade pagã pode melhor estudar-se.

Crê-se commummente que Agrippa, genro d'Auto, o fizera construir, dedicando-o a Jupiter vingador, em memoria da batalha d'Actium. A fachada é nobre e sumptuosa; interiormente apresenta a forma circular d'onde lhe vem o nome de *Rotonda*. Tem cento e cinquenta e quatro pés de diametro, e outro tanto de altura. A luz recebe-a por uma ampla claraboia, ao meio da abobada que cobre o edificio.

Bonifacio IV obteve do imperador Phocas a permissão de tornar o Pantheon em igreja, dedicando-o em 607 a Santissima Virgem e a todos os martyres. Gregorio IV, em 830, consagrou esta igreja a todos os santos.

Descangam no Pantheon as cinzas de Raphael d'Urbino. Até certo tempo ahí se guardou o seu busto, e os d'outros homens illustres; mas Pio VII os mandou transferir para uma das salas do palacio dos conservadores, onde, entre outros, vimos o de Pio VII, obra de Canova, o de Galileu, o de Beccaria, e o de Manuel Felisberto, duque de Saboia, e neto de el-rei D. Manuel. Ahí se admira tambem o monumento erigido a Canova. N'este mesmo edificio tinha fundado Benedicto XIV uma galeria de quadros comprados ás familias Sacchetti, e Carpi, que hoje se franqueia ao publico.

Quanto ao Colysseu ha quem diga, que esta obra excedia por sua magnificencia ás pyramides do Egypto, o templo d'Epheso e ainda outras maravilhas do mundo, era destinado aos combates dos gladiadores, e foi muitas vezes regado pelo sangue christão. Flavio Vespasiano, depois da sua volta da guerra judaica, o fez edificar, e d'aquí nasce o chamar-se-lhe tambem amphitheatro Flavio. Foi edificado no anno 72 da era christã, e no penultimo anno do reinado d'este imperador, no lugar onde estavam os jardins de Nero, pode se dizer no meio de Roma antiga; foi terminado em quatro annos, isto é, por Tito seu filho no ultimo anno do seu reinado. Adriano fez transportar para a praça d'este amphitheatro o celebre colosso de Nero, que este imperador tinha posto no vestibulo do seu palacio; porém não foi d'aquí que nasceu seu nome, vindo lhe antes de suas dimensões colossaes. Beda foi o primeiro escriptor que assim lhe chama. Tito ao acabar-o o dedicou.

A forma do Colysseu é oval, sua circumferencia exterior é de dous mil quatrocentos e dezeseis palmos, e tem de altura duzentos trinta e dous. O sitio onde se combatia denominava-se *arena*, por a quantidade de arca que ali se deitava para o comodo dos luctadores, tendo a mesma forma que o exterior do edificio, e quatrocentos e vinte palmos de comprido sobre duzentos sessenta e oito de largura e mil e cem de circumferencia. Havia o lugar destinado ao imperador, sua familia, senadores, principes, magistrados, e as vestaes, a que se chamava *Podio*. Os logares de entrada e saída se chamavam *Vomitorios*. Não accomodava menos de cento e sete mil pessoas. Esta grande fabrica, apesar dos esforços que se têm feito para a sua conservação, achase contudo em ruinas, tendo porém levantado uma parte mui sufficiente para fazer supprir pela imaginação o que lhe falta na realidade. Assim o diz o Itenerario de Vasi, accrescentado por Nibby, quando, ao falar do Colysseu, escreve: *... un bello pittoresco á insensibilmente acquistato nelle sue ruine medesime, che si giunge per fino a non desiderare il restauro; potendo l'immaginazione supplire a ciò che manca, e così vedere tutto intero il sorprendente edificio.*

Hoje faz-se a via-sacra na *arena*, e ganha-se indulgencia plenaria n'uma pequena capella, e é assim que aquelle logar está santificado.

Pio V venerava tanto o Colysseu, por ser ahí que milhares de christãos soffreram o martyrio, que atravessando-o uma vez com o embaixador polaco, e pedindo-lhe este por essa occasião algumas reliquias para o seu paiz, abaixou-se, recolheu nas mãos uma pouca de terra, deitou-a no seu lenço, e disse ao embaixador: Tomae, que não vos poderei dar cousa mais preciosa.

Nem nos levem a mal que tão complacientemente fallemos dos monumentos do paganismo, porque é sobre as ruinas d'este que o christianismo ergue triumphante os seus padrões; é de sobre a columna trajana, d'onde o famoso imperador apregoava outr'ora a

sua victoria alcançada contra Decebalo, rei dos dacios, é d'ahi que a estatua de Pedro assombra as ruinas do *forum* do mesmo Trajano!

Os bronzes e os granitos, os arcos de triumpho e as columnas *rostratas*, os templos e os circos ainda não desapareceram, ainda existem depois de uma lucta de tantos seculos!

A Providencia parece ter permittido que resistam ás injurias do tempo os vestigios da energia d'esse povo, que soube alargar os seus dominios com o ferro, e com o ferro sustentar por tanto tempo um poder immenso, que ainda assim é pequeno se o compararmos com o que, tendo em Roma o seu chefe visivel, se ha propagado, constante e unicamente pelo esforço da palavra, ha dezenove seculos!

As circumstancias e o espaço limitado de que dispomos não nos permittem dar uma noticia circumstanciada dos estabelecimentos de caridade que existem em Roma: limitar nos-hemos por isso a offerecer uma idéa dos mais importantes.

Merece de certo esta qualificação o *monte de piedade*. Deve-se a sua fundação a Barnabé de Terui, humilde irmão menor, e tem por fim salvar o pobre da tyrannia e da rapacidade dos usurarios. É um estabelecimento mui util e interessante, que tem sempre sido patrocinado pelos pontifices romanos, e nomeadamente por Leão X, Paulo III, Gregorio XIII e Pio VII. Ha poucos annos tinha em circulação 1.100.000 francos, e recebia duzentos mil penhores por anno!

A congregação da *Divina Fiedade* tem por instituto soccorrer os desgraçados, que a sua antiga posição na sociedade ou outras circumstancias inibem de mendigar. Foi fundada por João Stanchi de Castel Nuovo, e teve por primeiro protector o cardeal Carpegna.

Para os ecclesiasticos indigentes não faltam em Roma asylos e soccorros: nem admira isto n'uma sociedade governada pelo primeiro dos padres, e em que estes são tão numerosos.

A confraria de Santa-Maria-Maior tem por obrigação soccorrer as donzellas desvalidas e de honesto viver. A archiconfraria da Santissima Anunciação toma a seu cargo tambem as donzellas pobres. Estas confrarias serviram de modelo ás de S. Apollonia, do S. Rosario, do S. Redemptor e da Immaculada Conceição, todas instituidas com fins eminentemente charidosos.

Ha tambem em Roma uma associação, que tem por fim defender perante os tribunaes os direitos do pobre, assegurando d'este modo o triumpho da justiça, sem que a execução d'esta fique dependente dos meios pecuniarios dos indiciados.

Existem igualmente n'aquella capital diversas confrarias que se dedicam a visitar, soccorrer, consolar e instruir os prezos. Finalmente os pobres acham ali recursos, os velhos amparo, os orphãos cuidado, as donzellas protecção, os prezos allivio, os enfermos remedio.

Fallando dos estabelecimentos pios não pode deixar de se mencionar o hospital *di San-Spirito in Sassia*, (que contém umas seis mil camas) o hospital de S. Salvador, o da Santa Trindade, que se abre aos peregrinos de todas as nações para aproveitarem as graças do thesouro da Igreja, e que em 1825 recebeu nada menos de duzentos mil peregrinos. Este hospital recebe tambem os expostos, cuidado devido a Innocencio III, que assim fundou o primeiro estabelecimento d'este genero que conheceu a Europa. Tambem ahí se acha o *conservatorio* dos catechumenos, onde estes se preparam para a vida ecclesiastica. E á nossa estada em Roma tratava-se de crear um hos-

pital de alienados, com todas as condições que a sciencia requer.

Em Roma existem muitos e importantes estabelecimentos de instrução publica. O collegio romano confiado á companhia de Jesus por Leão XII, é o mais completo que Roma possui depois da universidade. Ali se ensinam gratuitamente as letras e as sciencias exceptuando o direito e a medicina. Cursum ordinariamente o collegio romano uns dous mil estudantes; e n'elle se confere aos habilitados o grau de doutor em theologia e philosophia.

Na *Sapiencia*, ou universidade, o ensino é exercido por professores ecclesiasticos ou seculares; é um estabelecimento de primeira ordem.

Além d'estes ha outros, secundarios, onde mestres escolhidos ensinam os elementos das bellas letras. Para os pobres ha muitas escolas de instrução primaria, onde podem mandar seus filhos.

Devemos tambem fazer especial menção das *damas du Sacré-Coeur*, congregação estabelecida na *Trinitá-del-Monte*, situada no monte *Pincio*, e que se emprega disveladamente na educação das meninas. Esta instituição parisiense foi introduzida em Roma pelo cardeal Lambruschini com approvação de Leão XII. Tem tres casas em Roma: a primeira é a de que fallamos, e em um convento antigo; a segunda é a de Santa Rufina em *Transteveri*, onde se educam as meninas pobres; e a terceira é a casa do noviciado na *Villa Santa*. A esta congregação respeitavel pertencem senhoras da mais alta gerarchia.

Creemos que muitas vantagens tiraria o nosso Portugal se ao menos nas suas primeiras cidades, Lisboa e Porto, recebesse esta instituição. Muito mais poderíamos dizer da cidade eterna e dos seus estabelecimentos pios se nos propozessemos fazer uma descripção minuciosa; nem nos esqueceríamos de fallar da nova Roma, onde se notam a bellissima praça *del Populo* e a comprida e formosa rua do *Corso*.

Mas enfim se pouco dizemos, tambem as nossas promessas não foram grandes.

Poremos remate a este artigo, affirmando com a mais perfeita convicção que Roma, é sustentada pela religião, pela historia e pelas artes, ou para melhor dizer, Roma é sustentada sómente pela religião, pois aos papas se deve a conservação dos seus admiraveis monumentos.

(Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO V.

O auctor pede desculpa de se ter demorado tanto a continuação d'esta interessante viagem. Depois de se haver justificado para com o leitor, prosegue finalmente na descripção de tudo que viu na sua extensa peregrinação (1).

AS VEZES ponho-me a meditar sobre os muitos defeitos de que me dotou a natureza, e concluo sempre de mim para mim, que sou um homem incorrigivel. Ora entre todos esses defeitos, ha dous que extremamente me penalizam. Eu creio mesmo, que, sem os offender, se lhe podem chamar más qualidades. O que porém é bastante singular, é que estas duas más qualidades, de que me accusa a consciencia, são inteiramente oppostas uma á outra. A pri-

meira, de que faço confissão publica ao leitor, é uma preguiça monstruosa, que se apodera de mim durante muitos dias, ou muitos mezes, impossibilitando-me de escrever uma unica linha d'estas minhas interessantes viagens. E a segunda, a peor, a mais detestavel, e talvez a mais detestada, das minhas ruins qualidades, é a mania perniciososa de fazer litteratura. Tenho jurado muitas vezes, quando predomina a preguiça, de me consagrar todo a uma vida pacifica, no meio dos algarismos, que são o melhor antidoto para curar *de poeta*; mas vem depois o drama, o romance, o poema e todas essas fontes puras de finissimo veneno que se não prohibe, e que opera infiltrando-se no espirito; e eu bebo a longos tragos toda a seiva necessaria para alimentar a mania que me apoquento. Então o primeiro defeito desaparece, e o segundo domina cegamente. Faço como os chins, que fumam o seu amphyão com delicias, até se tornarem côr de pergaminho, e morrerem sob a influencia do veneno que saboream; com a differença, de que em mim não succede a morte ao periodo litterario, mas sim um ocio muito mais delectavel do que todo o opio com que se embriagam os subditos do filho do sol.

Tenho estado pois debaixo da maligna influencia do meu primeiro defeito vae para dous mezes, sem que o leitor benevolo me possa condemnar, pois bem vê que a culpa não é minha. E aqui para nós, parece-me que o leitor não perdeu nada com esta interrupção da minha longa viagem, porque teve bastante tempo de reflectir, se lhe será ou não conveniente continuar a ler até ao fim. Afiango-lhe porém, que tenho gravissimos acontecimentos para lhe relatar, e revelações tão importantes, que de certo se ha de arrepender, não passando comigo ao capitulo seguinte.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

MORTALIDADE DA RAÇA HUMANA.

Por uma estatistica recente prova-se que, sobre mil individuos, morrem, termo medio, quinhentos de um a dezenove annos de idade; cem, de dezenove a trinta e sete; cem, de trinta e sete a cincoenta e um; cem, de cincoenta e um a sessenta e dous; cento e quarenta e quatro, de sessenta e dous a setenta e dous; cincoenta e um de setenta e dous a setenta e nove; vinte e cinco, de setenta e nove a oitenta e quatro; dezeseis, de oitenta e quatro a noventa; finalmente oito de noventa a noventa e seis.

O celebre medico e naturalista Haller organisou em 1777 um quadro estatistico dos casos mais extraordinarios de longevidade humana; n'esse quadro vê-se que mil individuos viveram de cem a cento e dez annos; sessenta de cento e dez a cento e vinte; vinte e quatro de cento e vinte a cento e trinta; quinze de cento e trinta a cento e quarenta; seis de cento e quarenta a cento e cincoenta; e um finalmente que alcançou a idade cento e sessenta e nove annos.

O excellente romance CONDE SOBERANO DE CASTELLA, interrompido infelizmente por doença do seu illustre auctor, ha de proseguir nos seguintes numeros.

(1) Continuado de pag. 417 do 10.º volume.